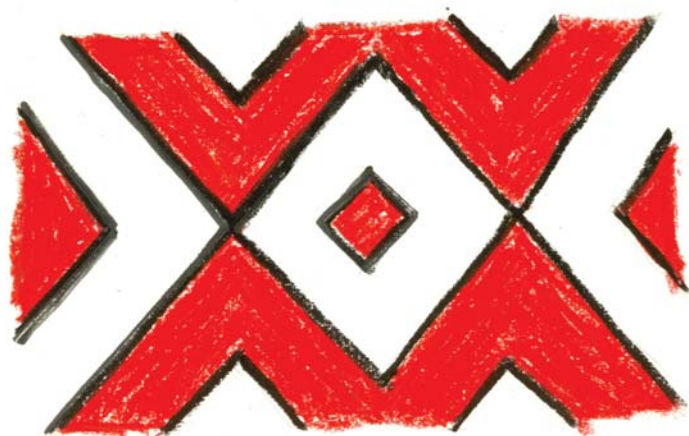
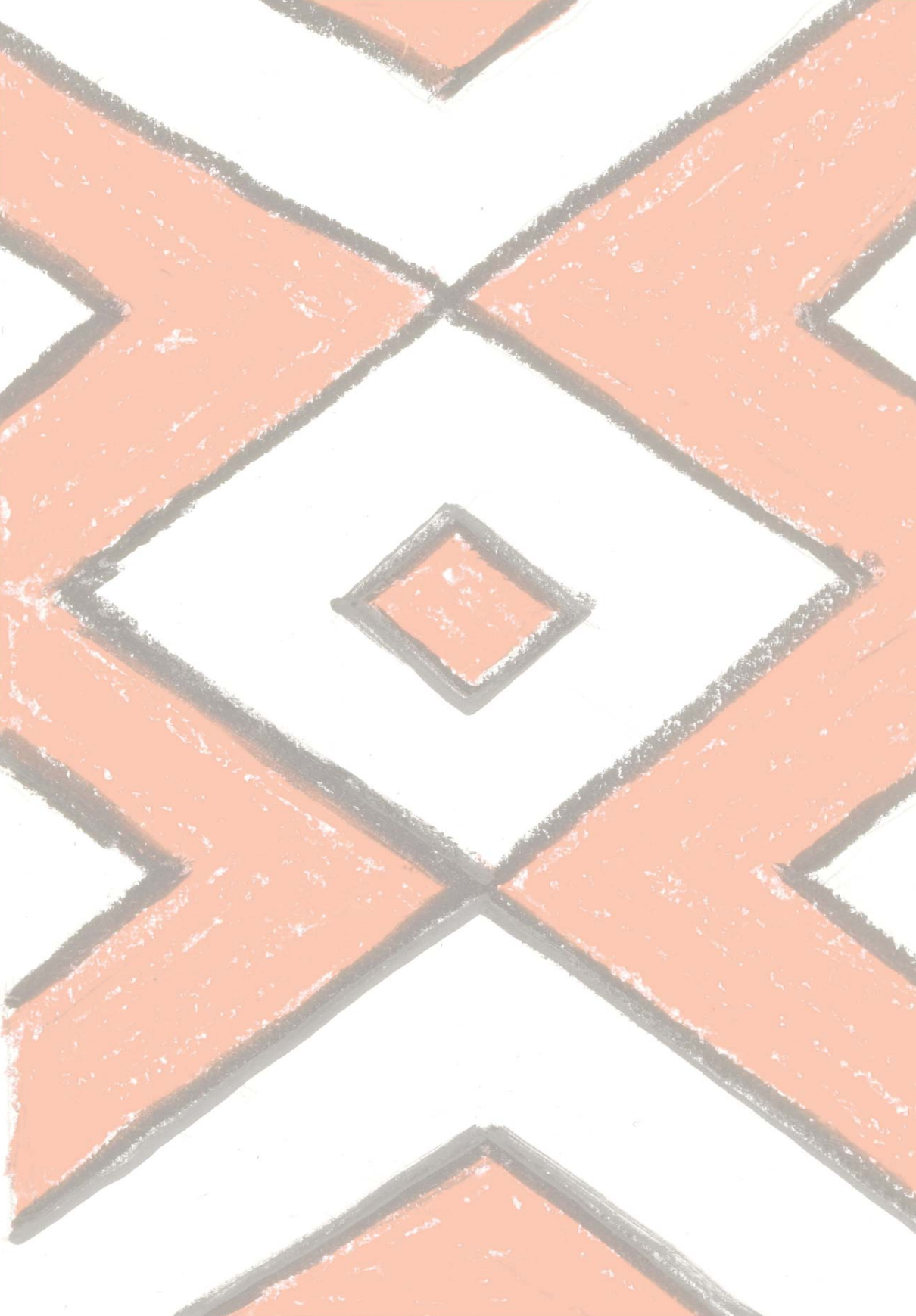


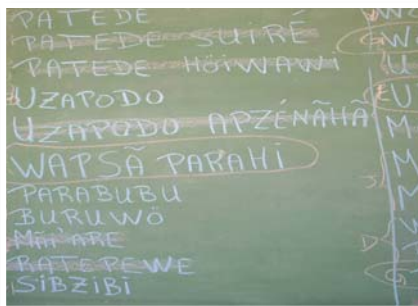
**OFICINA DE ALFABETIZAÇÃO  
PARA OS PROFESSORES  
XAVANTE DA TERRA INDÍGENA  
PIMENTEL BARBOSA**





# OFICINA DE ALFABETIZAÇÃO PARA OS PROFESSORES XAVANTE DA TERRA INDÍGENA PIMENTEL BARBOSA<sup>1</sup>

Maria Aparecida Rezende  
Frans Leeuwenberg  
Luiz Augusto Passos



Nomes das batatas no quadro de giz  
Foto: Maria Aparecida Rezende

A oficina de alfabetização para professores Xavante nasceu junto com a produção da cartilha intitulada *Dasa Uptabi: de volta às raízes*. Ao produzir esta cartilha, o projeto “Resgate do conhecimento e uso das batatas tradicionais Xavante” preocupou-se em ir além do simples registro dos estudos das 22 batatas nativas conhecidas e usadas por esse povo. Pensou-se, então, na realização da oficina pedagógica em alfabetização para nove professores da Terra

Indígena Pimentel Barbosa que resultou no V capítulo da referida cartilha com o título: “Capítulo pedagógico”.

A escola é um dos instrumentos que os povos indígenas têm acreditado em seu potencial para auxiliar em suas lutas pelas terras, na revitalização de suas culturas e também para dar conta de alcançar o que a educação escolar se propõe: transformar as informações em conhecimento. Para que isso ocorra, os povos indígenas têm buscado seguir uma orientação pedagógica no seio de uma educação diferenciada e de qualidade, apostando também em outro potencial que a escola sempre teve: reproduzir valores da sociedade, para integrar as novas gerações na cultura da geração adulta.

Sabidamente os grupos étnicos estão explorando hoje o que a sociedade ocidental sempre fez com grande sucesso – usar a escola como meio de reproduzir suas crenças e seus valores sociais; assim, nasce o “capítulo pedagógico”: trabalhar com os professores Xavante as possibilidades de se usar jogos como instrumento de ensino e facilitar a alfabetização das crianças na língua materna. A oficina foi realizada pensando em adaptar todos os jogos no contexto das diferentes batatas pesquisadas com as mulheres Xavante, grandes educadoras e coletoras de batatas silvestres. Esse trabalho pedagógico pretende ainda incentivar as novas gerações a praticar a coleta e o consumo dessas batatas com mais frequência em seus hábitos alimentares, substituindo alguns alimentos de pouco valor nutricional como, a batata inglesa, macarrão e outros.

1 A realização desta oficina foi entre os dias 18 a 21 de agosto de 2007 em Matinha uma pequena vila situada no município de Canarana – Mato Grosso. Ela foi financiada pela Sociedade de Proteção e Utilização do Meio Ambiente/PUMA, Goiás/GO, Brasil com a participação da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD/Faculdade de Educação.



Foto: Maria Aparecida Rezende

## A Construção do Alfabeto Móvel usado na Língua Xavante

A proposta é de que cada professor trabalhe em suas aulas a confecção de diversos alfabetos com seus alunos usando os talos das folhas de buriti. Na oficina, foi usada caixa de papelão para produzir todo o material pedagógico. No caso do alfabeto Xavante, os professores cortaram o papelão usando a medida de 5x5cm e forrando cada

um desses quadrados com folha de papel sulfite cortado na mesma medida para trabalhar as letras em diversos formatos e cores.

## A Brincadeira Começa

Escrevemos de giz, no quadro, os nomes das 22 batatas pesquisadas e logo depois separamos cada letra para formar o alfabeto. Os professores iam ditando e escrevendo no quadro:

Aaa Bbb Ddd Eee Hhh Iii Kkk Mmm Nnn Ooo Ppp Rrr Sss Ttt  
Uuu Www Yyy Zzz

Algo estava errado. E a discussão inicia entre os professores. Falam em Xavante. Ali apareciam apenas 18 letras e as outras? Quais outras? A confusão toda era porque apresentamos as letras do alfabeto, mas não as letras com acentos. Depois de um tempo chegamos a um acordo então todas as letras acentuadas fariam parte do alfabeto. A satisfação era visível. Agora sim, daria para alfabetizar, pois o alfabeto Xavante estava completo com 27 letras. Eles argumentaram que o alfabeto Xavante era diferente da Língua Portuguesa. É importante colocar todas as letras acentuadas para facilitar a alfabetização.

Ááá Êê Êĩ Óó ó Ö ö ö Ô ô ô Êê ê É é Óóó – portanto de 18 (dezoito) letras o alfabeto Xavante passa a ter 27 (vinte e sete) letras assim distribuídas:

Aaa – Ááá - Bbb - Ddd - Eee - Êê ê - Êê ê - Éé - Hhh - Iii - Ĩĩ - Kkk - Mmm - Nnn - Ooo - Óó ó - Ö ö ö - Ô ô ô - Óóó Ppp Rrr Sss Ttt Uuu Www Yyy Zzz.

O conflitioso alfabeto móvel fica pronto depois de muitas discussões e trabalho para confeccioná-lo. Todo colorido e apresentado com o orgulho que o povo *A'uwẽ* tem de cada conquista ao longo de sua história.

## Alfabeto Construído pelos Professores na Oficina



Foto: Maria Aparecida Rezende

Após a leitura de cada letra, foram formadas algumas palavras com os nomes das 22 (vinte e duas) batatas. Em seguida, frases que foram lidas por cada professor presente. Ao ler eles se divertiam, criando novas frases. A recomendação era que cada professor construísse seu alfabeto móvel e logo depois de “brincar” com seus alunos os guardassem em uma caixa. Usando a pedagogia *A'uwẽ* (Xavante), sempre fazendo para que aos poucos as crianças vão aprendendo, foi recordada a tarefa do alfabeto. Primeiro, construir o alfabeto em um pequeno cartão que pode ser de tamanho variado entre o usado na oficina, 5x5 ou outro maior. Usar letras maiúscula, minúscula e cursiva, ou seja, escrita a mão. Num segundo momento elaborar outro alfabeto Xavante, desta vez em um cartaz usando todos os tipos de letras e colar na parede para as crianças terem contato com seu alfabeto. Todos os dias o professor pode escrever o nome de uma criança no quadro e falar letra por letra. Mostrar essas letras também no alfabeto Xavante para as crianças irem acostumando-se à grafia de sua língua.

Na atividade 3 (três) foi a elaboração das fichas com os nomes das batatas pesquisadas pelas mulheres. A orientação foi de dividir os alunos no máximo de três componentes e cada grupo deveria produzir 4 (quatro) ou 5 (cinco) fichas com os nomes de cada batata. A orientação para a produção das fichas foi a de que as palavras fossem grafadas com letras maiúsculas para facilitar a compreensão do traçado de cada letra.

## Batatas Pesquisadas pelas Mulheres Xavante



Foto: Frans Leeuwenberg

1. BURUWÖ; 2. MO'ÓNI SUPÓ; 3. MO'ÓNI; 4. MÁ'ARE; 5. MO'ÓNIHÖI'RE; 6. PARABUBU; 7. PATEDE; 8. PATEDE HÖIWAWI; 9. PATEDE SUIRÉ; 10. PIDZI; 11. PONE'ËRI; 12. RÁTEPEWÉ; 13. SIBZIBI; 14. TOMOSU; 15. UBDI; 16. WAPSÁ PARAHI; 17. UZAPODO APSÉNÁHÁ; 18. UZUSIWÁ'A; 19. WEDEDU; 20. WÖ; 21. WÖ URIRÉ; 22. UZAPODO.

O professor deve construir “fichas roteiros” de acordo com a compreensão de Freire (2000). Elas devem medir, no mínimo, 10x5 com cada nome de batata. Tome-mos por exemplo a palavra MO'ÓNIHÖI'RE. Esse é o nome completo da batata. Essa palavra não é solta no espaço ela vem carregada de conhecimentos. Para Freire (2000, p. 123) essa é a quinta fase no que diz: “[...] é a feitura de fichas com a decomposição das famílias fonêmicas correspondentes aos vocábulos geradores”. Deve haver diálogo nesse momento para que seja um ato educativo e não de “domesticação”.

A primeira palavra geradora neste caso é MO'ÓNIHÖI'RE. Para Freire (2000) a partir daí vem todo o processo alfabetizador. Primeiro a palavra é codificada, ou seja, ela é apresentada na forma de “codificação”. Isso pode ser realizado em forma da apresentação de slide com a foto da batata ou com um cartaz com o desenho da batata. Em segundo lugar inicia-se o debate na “descodificação” do objeto (desenho ou foto da batata). Em Freire (2000, p. 122) deve então passar para a “[...] criação de situações existenciais típicas do grupo com quem se vai trabalhar”.

No caso da batata qual é a situação problema? Deve problematizar a questão da substituição das batatas ricamente nutritivas pelos alimentos: arroz branco, macarrão, batata inglesa e outros. A partir dessa discussão sobre as “situações-problemas” a palavra que está codificada em forma de desenho ou foto vai aos poucos dando lugar para a descodificação, levando a uma conscientização de mudança brusca na cultura alimentar e em consequência disso as inúmeras doenças, principalmente como a diabetes e a obesidade que tem entristecido a mulher Xavante mais idosa. A nova geração feminina já não tem interesse em praticar a coleta destas batatas.

Estabelecido o vínculo semântico entre a palavra e o objeto que a nomeia será apresentado a palavra inteira – MO'ÓNIHÖI'RE. Em seguida a visualização dos “pedaços” da palavra e desta vez sem a intenção de fazer uma interpretação da mesma. A palavra “despedaçada” MO' - Ö - NI - HÖI' - RE O objetivo agora é o reconhecimento das famílias fonêmicas. A partir da sílaba “MO” o grupo de alunos reconhece todas as famílias da palavra, depois a segunda sílaba e assim por diante. Após o conhecimento da cada família fonêmica, fazem-se exercícios de leitura da mesma. Este é um dos momentos mais importantes: vejamos:

MA' - ME' - MI' - MO' - MU'

Ã - Ë - Ì - Ö

NA - NE NI - NO NU

HÖI'

RA - RE - RI - RO - RU

Para Freire (2000) esta é a “ficha da descoberta”. Cada aluno e aluna vão for-

mando palavras com as possíveis combinações á disposição: HÕIMANA, MO'ÕNI e outras palavras conhecidas que as famílias fonêmicas possam se juntar. É bom lembrar que tudo isso foi na oralidade. Depois de esgotar todas as possibilidades de construir palavras novas os alunos e alunas passam a escrevê-la.

Foi sugerido aos professores durante a **oficina pedagógica das batatas nativas** que a cada palavra, família fonêmica trabalhada poderia fazer o seguinte exercício com as crianças: 1. ler; 2. escrever; 3. desenhar. Outra proposta para os professores trabalharem, além do debate semântico da palavra geradora é o de produzir junto com os estudantes a produção de texto oral e desenho. 1. Perguntar às crianças: a) conhecem essa batata? O professor deve ter a batata estudada ou o desenho dela. b) quem colheu esta batata? c) A mãe ou o pai? d) Onde vive essa batata? e) já comeu essa batata? f) como a mãe faz essa batata? 2. Pedir para cada criança desenhar: a batata; o local onde ela vive; a mãe preparando a batata e a criança comendo a batata.

Outro exercício é a produção de texto escrito – após a apresentação da ficha da palavra, fazer leitura com as crianças; pedir que copiem do quadro do jeito que conseguirem; contar quantas letras tem a palavra e copiar os números de acordo com a quantidade de sílabas que ela tem.

Uma atividade muita rica para desenvolver com as crianças é tomar a história das batatas que estão escritas na cartilha. Um exemplo pode ser: na cartilha a história está em português. O professor deve preparar essa história reescrevendo-a na língua Xavante. Deve ser escrita com letras maiúsculas e passadas no quadro de giz. Observando que na cartilha os textos sobre as histórias da batata o texto é dividido ricamente em fases. Primeiro o preparo do viveiro; segundo o período de preparo do viveiro; terceiro, a ação da coleta das batatas, quarto, o período das coletas; quinto, como armazenar essas batatas e o período bom para armazená-las, sexto, período para plantio, sétimo, manejo do viveiro, oitavo, período para combater as formigas, nono, a brotação das batatas, décimo, período de transplante da batata para a horta-roça e por fim o monitoramento. O trabalho pedagógico pode ser realizado vagarosamente em cada uma das fases.

Um exemplo de observação para aguçar a curiosidade das crianças, principalmente das meninas que por ser do sexo feminino levam a responsabilidade de coletar essas batatas. Na cartilha<sup>2</sup> traz a seguinte recomendação para os monitores de cada aldeia:

1. O mês ou data exata quando cada batata brota;
2. O mês ou data exata quando cada tipo começa dar flores;
3. O mês ou data exata quando as flores vão murchar;
4. O mês ou data exata quando cada tipo começa dar frutas;
5. Quando desenterrar a batata, anotar quantos filhotes para cada batata-mãe.

---

2 Esta Cartilha *Dasa Uptabi: de volta às raízes*, é o resultado de uma pesquisa realizada pelo ecólogo Frans Leeuwenberg com as mulheres *A'uw* que estão preocupadas com o futuro da atual e próxima geração. Por isso, ele convida a professora Maria Aparecida Rezende para escrever o capítulo pedagógico para que tenha mais uma garantia de que, principalmente as meninas durante sua formação escolar tenham também esse incentivo de aprendizado cultural.

Essa parte é excelente para incentivar a pesquisa bem como outras atividades que propomos na oficina pedagógica. O professor dever repetir muitas vezes a palavra estudada. Dividir grupos de no máximo três componentes e distribuir a história cada grupo. Como sugestões de atividades podem ser da seguinte maneira: a) professor fazer leitura deste texto com as crianças que já estão em grupo acompanhando a leitura (elas ainda não têm o domínio da língua escrita); b) pedir para elas copiarem o texto no caderno (o objetivo é treinar leitura e escrita); c) identificar a palavra estudada no texto e contar quantas vezes ela aparece; d) pedir que as crianças façam o desenho das batatas no caderno mostrando o espaço que vive esta batata.

Durante a oficina os professores fizeram o exercício de traduzir um texto da cartilha da língua Portuguesa para a língua Xavante. Tomaram a história da batata do exemplo acima citado: **mo'ónihöi're** e aqui representada nas duas línguas. Para finalidade do exercício proposto, a palavra **mo'ónihöi're** foi repetida propositalmente sendo substituídos os pronomes do texto original da cartilha. Ao final, ficou da seguinte maneira:

**Planta Mo'ónihöi're:** A planta da mo'ónihöi're é uma trepadeira e tem formato de coração com dois ou três lóbulos. O caule da mo'ónihöi're tem três cantos sem pintas ou apenas pintas nas beiradas, ao contrário do mo'óni com pintas por todo o caule. Como pone'ere, a mo'ónihöi're tem plantas masculinas (só flores) e plantas femininas (flores e sementes).

**MO'ÓNIHÖI'RE ROB'RE:** MO'ÓNIHÖI'RE 'RE HÁ, MISISI TEZA TE ROWAIBU ÎWEDE MONO BÖ MAPARANE ÎSU HÁ NIWAMHÁ SI'UBDATÓ ISUSISARIDI. SI'UBDATÓ MO'ÓNIHÖI'RE WEDE NA HÁ UPTÓ ÓDI, NIHA WAMHÁ Î'UPTÓ RÉ HÁ. MO'ÓNI UBURÉ TAHÁ AIMAWI Î'UPTÓ.

NIHÁ WAMHÁ PONE'ERE DURE MO'ÓNIHÖI'RE HÁ AIBÖ ÎSIRARÁ SI HÁ DURE PI'Ó HÁ Î'RÁI RÉ HÁ.

Foi grande a polêmica para realizar essa tradução. Foi um trabalho coletivo elaborado no próprio quadro de giz e a política linguística nesta Terra Indígena ainda se encontra em estudo. Eles ainda não aceitaram a política linguística oficializadas pelo SIL (*Summer Institute of Linguistics*) e pelos Salesianos. Passado esta primeira parte do texto, as outras foram mais tranquilas e pudemos então terminar todo o texto proposto.

**Reprodução da mo'ónihöi're:** Subterrânea e por sementes

**Batata Mo'ónihöi're:** Mais comprida do que larga, peso 30 até 110 gramas. Mo'ónihöi're é pequena, casca muito fina, cor cinza e massa interior bem branquinha e meio pegajosa, muito gostosa.

**Batata – mo'ónihöi're:** Mo'ónihöi're há, 'rápadi duré si'ubdató Îto'mái, ási-na, Îpire há duré misi misi ibaba gramas. Mo'ónihöi're Îsry Îhö ubzu dure Înhi há rá'uptabi di.

Mo'ónihöi're Îse'uptabi Îrâzpru'a'ahá.

Não esperávamos tanta polêmica ficamos uma hora aproximadamente para traduzir esse pequeno texto. Há uma política interna entre os Xavante em relação



à linguística. Um dos exemplos de discórdia foi essa frase: *misi, misi ãtob,ai* – que significa na linguagem matemática 110 – *misi* significa número um e *ãtob,ai* significa 0(zero).

Disseram que existe outra forma certa de escrever, que os salesianos criaram e escreveram da seguinte forma: *misizabu misito* que significa 100 e 10. Depois de muitas discussões resolveram pela primeira frase que representava melhor o número 110. Outras polêmicas surgiram e resolvemos não passar os outros textos para a língua Xavante. Apenas um era suficiente para realizar o exemplo de como alfabetizar as crianças partindo das fichas silábicas, ficha da descoberta, alfabeto móvel e também através do texto.

Com este texto exemplificado na Língua Xavante, os estudantes podem pintar a palavra conhecida, *mo'õnihö're*. Passar um traço embaixo das sílabas conhecidas. Ler todas as letras e também o texto conforme a compreensão de cada leitor. Essa atividade pode ser realizada com cada texto da cartilha sobre as 22 (vinte e duas) batatas, porém dividindo o texto como no exemplo acima citado. Passamos para o exercício seguinte.

## JOGANDO TAMBÉM SE APRENDE



Foto: Maria Aparecida Rezende

### A Construção do Jogo da Memória

A aula começa com as medidas das cartelas. Os estudantes que já conhecem números podem ser orientados pelo(a) professor(a) noção de medidas. Uma sala multisseriada pode ser dividida em grupos, e como sugestão, esses grupos podem ser assim divididos: Grupo 1 – medir as cartelas em uma caixa de papelão. Grupo 2 – medir as cartelas em papel sulfite. Grupo 3 – cortar

as caixas e os papéis já riscados com as medidas certas. Grupo 4 – desenhar as partes de cada planta sempre em dupla: duas folhas iguais, duas batatas iguais e assim por diante. Grupo 5 – pode ir pintando os desenhos. Grupo 6 – vai colando os desenhos nas cartelas.

Fazer sempre duas cartelas iguais como apresenta na foto. Assim distribuídas: duas cartelas com desenho de duas folhas; na outra duas cartelas com o desenho de duas batatas iguais. No outro lado de cada cartela colocar o nome do desenho com letras maiúsculas.

**Começa o jogo:** coloca todas “cartas” com imagem virada no chão. Aluno um pode virar uma carta. Aluno dois vira outra carta. Digamos que aluno **um** virou uma **mo'õni** e aluno **dois** virou uma **folha de wededu**. Então aluno **um** e aluno **dois** vão

virando as cartas alternando entre si, até aluno **um** encontrar a cartela com o desenho da **mo'óni** e aluno **dois** encontrar desenho da **folha de wededu**. Assim, vão formando outros pares. Ao final quem fez mais pares de jogo? Aluno **um** ou aluno **dois**. O vencedor será quem fez mais par. O professor deve estar perto de cada dupla para ir lendo os nomes que estão no verso de cada cartela. Os alunos devem olhá-las. O jogo ajuda memorizar: o desenho e o nome de cada parte das batatas.

## 0 Bingo de Letras

A aula começa com a construção das “peças” do jogo. Cada grupo de estudantes deve cortar pedaços de buriti e a medida de cada peça pode ser 5x5 cm. Em cada uma das peças deve ser desenhada uma letra do alfabeto Xavante, ou melhor, duas letras, uma deve ser grafada em maiúsculo e a outra em minúsculo. Com urucum ou jenipapo cada letra do alfabeto deve ser pintada para ficar mais viva – colorida.

Terminada a construção das peças, inicia-se a elaboração das cartelas que podem ser de caixa de papelão forrada com papel sulfite e toda pintada para chamar a atenção das crianças. O tamanho de cada cartela pode ser de 15x7cm.

- Pintar as letras do alfabeto Xavante em pedaços quadrados de buriti descascado.
- O professor deve colocar todo o alfabeto dentro de um saquinho. O professor tira uma pedra e diz: letra tal. A criança que tiver com aquela letra em sua cartela deve marcá-la com um grão de milho ou uma pedrinha. Os lugares com asterisco valem como qualquer letra. Quem encher primeiro a cartela ganha o jogo.

Exemplo de cartelas:

☀	M	N	E	S	X	☀
K	Y	D	R	H	O	R
W	Ĩ	T	☀	Ã	Ë	D
P	U	Z	Ó	‘	A	I
☀	S	Õ	Ê	Á	B	☀

Os professores Xavante durante a oficina construíram cartelas em caixa de papelão. As letras também foram em caixas de papelão, conforme foto:



Letras do Alfabeto Xavante  
Foto: Maria Aparecida Rezende

## Bingo de Palavras

O professor poderá fazer as “peças” do mesmo modo que fez com as letras. O jogo é o mesmo, só muda as “peças”. Elas devem ter os nomes das batatas como na foto abaixo. Alguém vai tirando as peças de dentro de um saquinho e vai dizendo o nome da batata quem tiver marca com uma pedrinha em cima da palavra.

Veja exemplo de cartelas confeccionadas por professores Xavante durante a oficina. Ver foto:



Cartelas de bingo construída pelos professores na oficina  
Foto: Maria Aparecida Rezende



Professores jogando bingo de palavras  
Foto: Maria Aparecida Rezende

## O Jogo de Baralho

Cada professor deve preparar uns 5 jogos de baralho. As cartas devem medir 10x10. Como se faz o baralho? Colocar em cada carta o nome de uma batata. Em outras cartas, o desenho de cada batata. Em outras cartas o número de letras de cada batata.



Professores Xavante jogando baralho na oficina de alfabetização.  
Foto: Maria Aparecida Rezende

## As regras do jogo

1. Colocar o monte do baralho entre os jogadores. Cada jogador deve receber nove cartas.
2. Os jogadores vão pegando cartas do monte, se ela fizer par com as três que ele recebeu ele fica com ela. Se ela não servir, ele joga-a em cima da mesa e seu companheiro pode pegá-la se ela servir para ele. E assim, vão pegando cartas e descartando aquelas que não servirem para fazer o jogo. Nenhum jogador pode ver o jogo do outro até o final.
3. Como se faz um jogo? Quem conseguir juntar o desenho ao nome e ao número de letras que tem aquela batata. Então para fazer um jogo precisa ser com três cartas. E assim continua o jogo.
4. Quem ganha? Quem primeiro fazer três jogos de cartas.

Para além dos jogos os professores e professoras podem diversificar seu trabalho pedagógico. Um exemplo será apresentado abaixo com trabalho a partir da literatura.

## Literatura: os coletores de história

O professor ou professora deve combinar com uma historiadora uma hora que ela poderá receber os estudantes em sua casa para uma aula de história sobre as batatas. No dia e hora combinado professores e alunos vão para “aula-passeio” termo usado pela primeira vez pelo educador Frances Freinet. A aula será realizada na casa da historiadora em forma de entrevista e algumas perguntas podem ser estas:

### Entrevista com a mulher historiadora:

- Como e em qual época do ano as batatas eram coletadas antigamente?

- Como as mulheres preparavam as batatas antigamente?
- Houve mudanças no consumo da batata tradicional para a atualidade?
- Quem fazia a coleta das batatas? E hoje quem faz?
- Em que a escola poderá ajudar na revitalização desse alimento?

Os alunos que já sabem escrever e ler deve registrar essa história e o professor também:

- Na sala de aula pedir que desenhem a história.
- Outro grupo vai fazer um texto sobre a história contada.
- Dividir um grupo por cada batata. Cada um ficará responsável por desenhar e escrever aquela história sobre a batata contada pela historiadora.

Vão fazer um livro que pode ser usado como material didático. Depois podem ler a cartilha “*Dasa uptabi: de volta as raízes*”, ler a descrição daquelas batatas que a mulher contou.

## Passando pelo Cerrado e pela Mata

Professores e estudantes farão uma aula-passeio na mata/cerrado onde possam encontrar as batatas de preferência nos meses de chuva: fevereiro até abril/maio, porque só nestes meses tem as plantas trepadeiras ou plantas não-trepadeiras (apenas metade de todas as batatas são trepadeiras) bem visíveis na mata. Tem caule claro, folhas típicas, muitas vezes já com flores minúsculas, e a partir de começo de março com sementes bem típicas.

Em grupo cada um deverá fazer a coleta do que encontrar (pé de batata com frutos ou não).

Cada grupo deverá escolher um local próximo onde foram encontradas as batatas e medir o entorno por volta de 4 metros quadrados e observar por uma ou duas horas quais são os insetos ou qualquer outro animal que dependem delas. Fazer anotações no caderno de campo. Destaque: aqui o professor deve trabalhar com seus alunos noção de medidas: área, perímetro, volume e as figuras geométricas básicas.

Fazer o desenho da batata observada, anotar suas cores. Quando chegar a sala de aula deve pintar os desenhos. Cada aluno deve pegar a cartilha e ler as descrições das batatas que observou. Depois deve ler todo o texto que interessa e copiar as informações que ainda não tem sobre as batatas estudadas.

É importante lembrar que para realizar esse estudo de observação apenas um exemplar de batatas deve ser desenterrado. Os outros podem olhar como deve ser feito com cuidado, mas não machucar as batatas. Um bom exemplo é Wõ uriré, que aparece fácil nas matas ciliares e tem bastante. As batatinhas são pequeninas e fáceis de estragarem, mas como são deliciosas podem ser ingeridas logo depois de terminar o estudo. É só lavá-las e comê-las cruas.

Ao chegar à sala de aula cada grupo deve fazer a descrição da planta que coletou.

Aprender pensar as plantas catalogando-as em fichas com identificação de cada parte conforme sugere fase 2 sobre “Manejo e produção das batatas” da cartilha.

Cada grupo deverá elaborar um relatório sobre a aula desde o passeio até o momento, escrito nas duas línguas – Xavante e em Português.

Esse relatório deverá ser trabalhado em sala de aula pelos professores desses componentes curriculares para fazer uma correção coletiva.

Como se faz correção coletiva?

Em primeiro lugar sorteia um relatório e não o identifique.

Em segundo lugar passe um parágrafo dele para um lado do quadro e na outra parte o professor vai trabalhando a estrutura do texto. a) veja todas as palavras repetidas e substitua-as por sinônimos com o uso de dicionário; b) volte a ler o parágrafo e veja os pronomes, ex: a batata tem a cor de palha; ela está no ponto de ser colhida; o professor pegou a batata-mãe e colocou-a em cima da mesa. Assim vai substituindo os pronomes para que o texto não fique repetitivo; c) faça a releitura do parágrafo colocando todas as pontuações necessárias e nesse processo deve fazer com cada parágrafo do relatório inteiro.

Esse mesmo processo deve ser feito com o relatório na língua Xavante.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

LEEUWENBERG, Frans; NASCIMENTO, Walderson Ribeiro do; REZENDE, Maria Aparecida. **Dasa Uptabi**: de volta às raízes. Goiás/GO: PUMA, 2007.